



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

***CAMPUS SOBRAL***

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**GLENDIA KAREN OLIVEIRA VASCONCELOS**

**PSICANÁLISE E O FEMININO: DESBRAVANDO O CONTINENTE NEGRO**

**SOBRAL-CE**

**2017**

GLEND A KAREN OLIVEIRA VASCONCELOS

**PSICANÁLISE E O FEMININO: DESBRAVANDO O CONTINENTE NEGRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Camilla Araújo Lopes

Sobral-ce

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- V45p Vasconcelos, Glenda Karen.  
Psicanálise e o Feminino : Desbravando o continente negro / Glenda Karen Vasconcelos. – 2017.  
28 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,  
Curso de Psicologia, Sobral, 2017.  
Orientação: Profa. Dra. Camilla Araújo Lopes.
1. Feminilidade. 2. Psicanálise. 3. Feminino. 4. Psicologia. 5. Mulher. I. Título.
- CDD 150
- 

GLEND A KAREN OLIVEIRA VASCONCELOS

“Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo”.

(Clarice Lispector em *Um sopro de Vida*)

## RESUMO

Freud desde o começo de sua teoria se deparou com o enigma que rondava a sexualidade feminina, algo expresso através da célebre frase: "A mulher é o continente negro da psicanálise". A feminilidade segue fazendo questão para a teoria psicanalítica, o objetivo deste trabalho é investigar a compreensão dessa temática através das obras de duas psicanalistas lacanianas expoentes nesse campo de pesquisa, por meio de uma pesquisa qualitativa de viés reflexivo acerca de dois livros. O livro *Feminilidade e Experiência Psicanalítica* (2017) de Ana Laura Pacheco faz um percurso de Freud à Lacan para compreender a construção teórica do que a psicanálise entende como mulher, expõe as mudanças conceituais e a estruturais que o feminino sofreu ao longo do tempo. Já a obra de Elisabeth da Rocha Miranda que tem como título *Desarrazoadas: devastação e êxtase* (2017) se detêm no último tempo do ensino de Lacan para formular uma clínica do não-todo, fazendo uso de manifestações do gozo Feminino nos ajuda a compreender melhor e desfazer os enganos comuns sobre o tema da feminilidade. Os textos são de relevância considerável à causa analítica e possibilitam um percurso rigoroso e fiel à obra freudo-lacaniana sobre a mulher.

**Palavras-chave:** Feminilidade. Psicanálise. Mulher. Feminino.

## ABSTRACT

Since the beginning of his theory, Freud faced the puzzle that rounded the feminine sexuality some express though renowned phrase: “The woman is the dark continent of psychoanalysis”. The femininity keep doing case to psychoanalytic theory. The objective of this job is investigate the comprehension of this thematic by two lacanian’s psychoanalytic work representative in this research field. The book *Femininity and Psychoanalytic Experience* (2017) of Ana Laura Pacheco do a Freud à Lacan’s way to comprehend the theoretical construction of what psychoanalysis understand about woman, expose the conceptual and structural changes that the feminine suffered over time. The Elisabeth da Rocha Miranda’s work has the title: *Unreasonable: devastation and bliss* (2017) detain the work in the last time of Lacan’s teaching to formulate one clinic of non-all, helps us to better understand and undo the common misunderstandings on the subject of femininity. The texts are of considerable relevance to the analytical cause and enable a rigorous and faithful course to the Freudo-Lacanian work about the women.

**Key-words:** Femininity. Psychoanalysis. Woman. Feminine.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>FEMINILIDADE E EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>Um retorno a Freud.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>Os pós-freudianos e a feminilidade.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3</b>	<b>A interpretação Lacaniana da feminilidade.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>AS DESARRAZADAS DE ELIZABETH DA ROCHA MIRANDA.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>A devastação de Paula.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2</b>	<b>O êxtase de Katherine Mansfield.....</b>	<b>19</b>
<b>3.3</b>	<b>O gozo místico de Santa Tereza D'avila.....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Diante do enigma da feminilidade Freud em seu texto de 1926 usa a expressão *dark continente* (continente negro) para se referir à sexualidade feminina, enfatizando seu caráter de mistério para a psicanálise, tal frase tornando-se um célebre dito freudiano. A pergunta que Freud não conseguiu responder: “o que quer uma mulher?” ainda ecoa no movimento psicanalítico e tornou-se também uma interrogação clássica que persiste fazendo questão, e nos aproxima de outra pergunta “O que é uma mulher?”. Questões sobre ser homem/ser mulher e o que isso significa, fazem parte do cotidiano da clínica psicanalítica, mas hoje observamos inúmeras discussões de gênero no meio científico: sujeitos que dizem se posicionar fora da partilha dos sexos como *gender fluide, não-binários*; avanços na biotecnologia que possibilitam a separação entre sexo e reprodução; além dos aperfeiçoamentos nos métodos que concernem à transexualidade e intersexualidade. Abordar o conceito de feminilidade para psicanálise aponta também para novas configurações que desafiam e atravessam a clínica.

Quando adentrei no curso de Psicologia me aproximei de algumas discussões sobre gênero e debates feministas, fui desconstruindo crenças e interrogando cada vez mais o que faz de mim mulher, pois como escreveu Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1980, p. 9). Dediquei-me à psicanálise com ressalvas sobre suas postulações sobre o feminino, fui aos poucos me aprofundando na teoria e, não por acaso, bordejando a temática que tanto me inquietava. Primeiro pesquisei sobre o indizível em *Água Viva* de Clarice Lispector, depois me debrucei sobre o conceito de “*das Ding*”, a *Coisa* em Freud, a fim de querer saber sobre a construção da noção de “falta” para a psicanálise.

Tal percurso teórico, bem como minha vivência no estágio clínico me aproximou mais dos enigmas do feminino, me instigando o suficiente para tomá-lo como objeto desse trabalho. Nessa empreitada, fazemos uso de duas escritoras psicanalistas para iluminar meu caminho, mais especificamente de duas obras: *Feminilidade e experiência psicanalítica* de Ana Laura Prates Pacheco e *Desarrazoadas: devastação e êxtase* de Elisabeth da Rocha Miranda. A escolha por esses livros se deu por serem de psicanalistas lacanianas e esse ser o meu viés, por me identificar com o olhar que elas direcionam às proposições acerca do tema e pelas contribuições que trazem à construção teórico-clínica da psicanálise no Brasil

O objetivo do trabalho é pensar através do escopo dessas pesquisadoras sobre o feminino, isto é, como esses livros de autoras psicanalistas que são expoentes no campo de



debates clínicos sobre a temática e que possuem cada uma seu olhar, colaboram com a compreensão do conceito de feminilidade para a psicanálise. Portanto, almeja-se chegar a tais apontamentos através de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, a partir do referencial psicanalítico.

Na primeira parte abordaremos o livro de Ana Laura Prates Pacheco, lançado em 2001 e que foi relançado em 2017, dando ênfase ao retorno a Freud que a autora percorre, a relação de alguns psicanalistas com as concepções freudianas sobre o feminino, principalmente em referência à primazia do falo. Além disso, nos deteremos nas postulações lacanianas, sua noção de falo e como isso se articula à temática, em especial sobre o uso da lógica para subverter a concepção da diferença sexual com a radicalidade das fórmulas de sexuação.

Logo depois, nos voltaremos para o livro de Elizabeth da Rocha Miranda lançado em 2017, fruto de sua tese que se detêm na clínica do Gozo Outro. Fazendo uso tanto de autores como Freud e Lacan aborda o conceito de Gozo Feminino e tece uma rede interessantíssima com seus casos clínicos e casos literários para abordar a devastação e o êxtase, bem como os relatos de místicos e sua relação com a loucura feminina. Por fim, trata-se de refletir sobre como os dois livros contribuem para a compreensão do conceito de feminino pra Psicanálise e em que medida seus elementos podem confluír. Em linhas gerais o que as duas obras em conjunto colaboram para a exploração do *dark continente*, que foi como Freud nomeou o “território” chamado mulher.

## **2 FEMINILIDADE E EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA**

Ana Laura Prates Pacheco nasceu em São Paulo cidade onde exerce a Psicanálise há mais de 25 anos. É psicanalista, Analista Membro da Escola (AME) de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - FCL-SP. O já citado livro “Feminilidade e Experiência Psicanalítica” é fruto de sua dissertação de mestrado, que tinha como título “A Mulher não existe? Um estudo sobre feminilidade e suas implicações na clínica psicanalítica” e que foi defendida em 1996, sob a orientação da professora Jussara Falek Breuer. Ana Laura faz da proposição uma pergunta e nos conta na carta da autora, parte do livro antes da introdução, que o processo de construção dessa pesquisa não foi fácil devido a dificuldade de se estudar Lacan nos anos 80 e 90, era preciso construir pontes e ir por caminhos tortuosos, pois muitos dos seminários de Lacan usados no livro foram lidos em versões piratas e não publicadas

oficialmente. Nesse contexto, exalta o papel da experiência numa Escola e da participação em um cartel, para seu estudo em Psicanálise e especialmente para enfrentar as fórmulas da sexualização de Lacan. Apesar de vivermos outra realidade se tratando da Psicanálise no Brasil, para ela “a formação em Psicanálise continua sendo um grande desafio, já que ela porta, em seu bojo, sua própria resistência” (2017, p. 26).

As motivações do livro vieram por conta dos debates no campo científico e cultural sobre a sexualidade humana num viés biológico, com o intuito de estabelecer uma certa complementaridade natural entre os sexos, sua escolha por se deter no que concerne à sexualidade feminina se deu porque “a mulher parecia revelar, desse modo, o desencontro humano com a natureza, fazendo-o aparecer mais nítido, mas explícito e, talvez por isso mesmo, mais incômodo e camuflado”(ibid, p. 33).

O livro foi lançado em 2001 e dezesseis anos depois teve uma nova edição revisada e aumentada. Mas, por que relança-lo? Vivemos outro contexto onde temos acesso fácil a inúmeros conteúdos e de outra realidade também no que diz respeito ao debate sobre sexualidade e gênero, a Psicanálise é convocada a ampliar “o diálogo com movimentos sociais feministas, LGBT, bem como com as teorias de gênero e com a teoria *queer*. Em suma, o livro aborda umas das questões mais investigadas pela Psicanálise “O que é ser mulher?”, e em meio a transexualidades e intersexualidades, a atualidade e atualização das contribuições que ele fornece justifica a sua republicação.

## 2.1 Um retorno a Freud

Para dar conta das questões que concernem à mulher na Psicanálise, especialmente à sexualidade feminina, Ana Laura (ibid) semelhante a Lacan retorna a Freud para compreender desde o início da teoria como a construção dessa noção se dá. Estrutura dessa forma o início da abordagem do seu tema para que compreendendo e interrogando Freud possamos entender melhor as construções psicanalíticas a partir dele.

A diferença entre os sexos é abordada desde os *Três ensaios para uma teoria sexual*, onde Freud já desenvolve uma diferenciação entre o desenvolvimento sexual da menina e do menino. Em 1905 diz que:

A suposição de que há o mesmo genital (masculino) em todas as pessoas é a primeira das teorias sexuais infantis singulares e prenes de consequências. Pouco adianta, para a criança, que a ciência biológica tenha de dar razão a seu pré-conceito, reconhecendo o clitóris feminino como um genuíno substituto do pênis. (FREUD, p. 104).

Essa hipótese é retomada em *Teorias sexuais infantis* de 1908 onde também postula sobre uma “ignorância da vagina” (p. 195, tradução nossa) por ambos os sexos, seguindo a lógica dessa primeira teoria sexual haveria na menina uma recusa perceptiva sobre seu corpo, essa noção de denegação vai se modificando ao longo da teoria freudiana.

Sob o escopo da primazia fálica, Freud retorna esta tese em seu texto *A organização genital infantil* enfatizando que “Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do *falo*. Infelizmente só podemos descrever esse estado de coisas no que diz respeito ao menino, falta-nos o conhecimento dos processos correspondentes na menina.” (1923, p. 155). A percepção da diferença no menino se dá nos seguintes termos, ele chega à conclusão de que a menina possuía um órgão análogo do qual foi despojada. A castração é tomada como punição, da qual ele também pode acabar sendo punido, ele só generalizará como uma característica do sexo feminino com a descoberta de que apenas as mulheres podem parir (PACHECO, 2017).

Ainda em *A organização genital infantil* ao justamente enfatizar a relevância da primazia do falo para a significação do complexo de castração, Freud nos direciona para uma nota de rodapé onde afirma que:

Já foi corretamente assinalado que a criança adquire a ideia de um dano narcísico por perda corporal ao perder o seio materno após mamar, ao depositar cotidianamente as fezes e mesmo ao separar-se do ventre da mãe no nascimento. Mas só devemos falar de um complexo de castração quando tal ideia de perda ficou ligada ao genital” (p. 173).

Isto é, através do Complexo de castração a criança dá sentido de falta de falo a outras experiências de perda vividas anteriormente, algo retomado em *A dissolução do Complexo de Édipo* de 1924 e *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* de 1925.

Ana Laura chama atenção para essa inversão fundamental, pois nos primeiros textos são as ameaças sofridas pela criança que possibilitam o Complexo de castração, agora é a própria possibilidade de castração a partir da falta de falo da mãe que dá novo significado às ameaças. O conceito de falo começa a se descolar do pênis, pois representa justamente a falta, essa perda que deve ser significada.

Essa articulação não é óbvia, ainda mais se levarmos em conta que o próprio Freud, em alguns textos enfatizara a visão dos órgãos sexuais do sexo oposto como deflagradora da angústia de castração, o que pode privilegiar uma interpretação comportamental ou funcional de sua teoria, na qual falo e pênis sejam considerados sinônimos (PACHECO, 2017, p. 65).

Temos no que concerne ao complexo de castração da menina a inveja do pênis, um dos conceitos mais polêmicos e criticados da Psicanálise, e que causou incômodo

inclusive na pesquisadora (*ibid*) como ela conta na introdução do livro. A primeira teoria infantil, como já exposta aqui, é que todos os sujeitos possuem o pênis. Segundo Freud (1908, tradução nossa) a menina ao deparar-se com a diferença sexual se sente desprovida de algo, passa a invejar o pênis e a desejar ser um menino. A autora não se furta da polêmica e defende que Freud tentou manter uma “solução de compromisso” no que diz respeito à premissa fálica e à noção de bissexualidade, por não conseguir abandonar em definitivo os pressupostos da biologia, “a noção de inveja do pênis como ponto central da sexualidade feminina é, portanto, uma consequência desse impasse teórico” (PACHECO, 2017, p. 78).

Em 1920, Freud postula que a satisfação primeira do sujeito em relação a mãe é passiva em ambos os sexos, antes era tomado como feminina. Logo depois, há o investimento libidinoso ativos em direção a mãe como objeto. A complexidade da construção da feminilidade consta na dificuldade em lidar, simultaneamente com o falicismo necessário para afastá-la dessa passividade inicial citada e retomar em seguida uma passividade especificamente feminina que a libere do “Complexo de masculinidade”, isto é, da denegação da castração. Para tal passagem paradoxal, Freud fornece três saídas: “a) a que leva à cessação da vida sexual; b) a da teimosa acentuação da masculinidade; c) os primeiros passos para a feminilidade definitiva” (1931, p. 209).

A feminilidade nos termos freudianos é quando:

Ocorre o abandono da masturbação clitoridiana e, junto com ela a renúncia à atividade alinhada à posição masculina. A passividade faz-se dominante e ocorre a virada em direção ao pai, movida no início pelo desejo de obter dele um pênis, desejo que depois é deslocado para ter um filho (PACHECO, 2017, p. 75).

Dessa forma menina alcança a feminilidade quando deseja ser mãe, o engodo dessa passagem e dessa construção pautada na anatomia, se dá também em ter como sinônimos as noções de mãe e mulher.

Em *Análise terminável e interminável* (1937, tradução nossa) Freud afirma que toda dificuldade em análise culmina em fazer o homem suportar a angústia da castração e a mulher abandonar seu desejo de ter pênis, ele chama tal dificuldade de rocha da castração. Rocha esta que seria o ponto onde o psiquismo esbarra no biológico pois defende que o repúdio à feminilidade seria um fato advindo deste último. Ana Laura concorda com C. Soller (1993) e expõe que a diferença entre o fim de análise dos homens e das mulheres se baseia, em Freud, na diferença anatômica. Ana Laura conclui que:

Freud não conseguiu se desprender dos enigmas da feminilidade (...). O sexo feminino, que não deixa morrer a pergunta de por que precisamos do falo para construir uma diferença que já está dada, *a priori*, na natureza, fica na teoria freudiana como um resto inassimilável. E, nesse ponto, ele coloca uma rocha – termo significativo – que estabelece um limite à análise freudiana. (2017, p. 81).

A importância desse primeiro capítulo do livro é justamente por Ana Laura ir desde o início do conceito de sexualidade, se aprofundar na construção da premissa fálica e trazer elementos em Freud que já desprendem a noção de falo do órgão genital masculino. Problematisa a inveja do pênis e a rocha da castração, ou melhor, toda a noção freudiana de feminilidade. Com isso traz um debate frutífero e relevante, de forma clara, mas muito densa, em poucas páginas traz inúmeras referências que embasam suas afirmações algo que nos indica também a necessidade de fazer o mesmo movimento que ela e retornar aos textos de Freud. A analista nos incita a percorrer um caminho semelhante ao seu, e com uma postura questionadora ensina como se dá a pesquisa em Psicanálise e nos prepara para as articulações posteriores do livro.

## 2.2 Os pós-freudianos e a feminilidade

Outro ponto relevante da obra de Ana Laura é sua opção por retornar a determinados autores a fim de refletir sobre as polêmicas envolvendo as conceituações de Freud sobre a feminilidade, sendo assim dedica todo um capítulo onde traz um breve relato sobre os encontros e desencontros desses psicanalistas com as teorias freudianas. De início traz Abraham que em 1922 escreve um artigo onde com base clínica defende que as mulheres possuem o desejo de ser homem, não por conta das construções culturais que valorizam o masculino, mas devido à visão do órgão sexual do homem, assim a menina precisaria “reconciliar o seu ‘defeito’ físico com o desenvolvimento sexual propriamente feminino”.

Karen Horney uma das primeiras psicanalistas a se deter sobre a questão da sexualidade feminina torna-se uma das maiores opositoras de Freud quanto a esse assunto, em linhas gerais defende que a inveja do pênis não é a causa da insatisfação da mulher com seu sexo e que este campo teórico que tratava sobre as mulheres estava sendo abordado predominantemente por homens, denuncia o caráter patriarcal da sociedade moderna onde viviam Freud e seus colaboradores e de como o contexto social de uma cultura misógina havia menosprezado as proposições analíticas sobre as mulheres (*ibid*). Dessa forma se vale da biologia para ir contra a noção de inveja do pênis, diz que:

Seria necessária a apresentação de provas irrefutáveis para ser aceita a ideia de que a mulher, constituída fisiologicamente para desempenhar funções tipicamente femininas, fosse caracterizada psiquicamente pelo desejo de ter atributos de outro sexo. (HORNEY, 1959, p. 88).

Horney discorda com a tese de que a origem de todos os sintomas neuróticos das mulheres é a inveja do pênis, vale ressaltar que ela admite a ocorrência na clínica, mas atribui isso a valorização cultural que permeia ser homem.

Hélène Deutsch, de acordo com Ana Laura adiantou algumas proposições de Freud presentes em *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (1933), mas vamos nos deter nos seus distanciamento das ideias freudianas, o masoquismo e o lugar ocupado pelo pênis na sexualidade feminina. Para Hélène (1947) haveria uma equivalência entre seio e pênis na fase oral, “assim o seio promoveria, de certa forma, a erotização da boca e, do mesmo modo, o pênis fixaria a libido da mulher na vagina. Portanto, até a primeira relação sexual, a vagina não teria nenhum papel erógeno” (PACHECO, 2017, p. 91). Em relação ao masoquismo afirma que a mulher seria biologicamente mais passiva e receptiva do que o homem, e embasa tal afirmação na espera passiva pela fecundação. Em linhas gerais, há um forte caráter biológico nas ideias de Deutsch (1947) inclusive compara essa passividade natural da mulher às fêmeas de outras espécies.

A pesquisadora (2017) ainda traz as concepções de feminilidade de Ernest Jones e seu conceito de *aphanis*, Melanie Klein e o desejo de possuir o pênis dando lugar ao de incorporar o pênis paterno como objeto de gratificação oral, Sandor Ferenczi e sua bionálise com a teoria da “submissão passiva à genitalidade”. Porém, para finalizarmos essa exposição optou-se por trazer as articulações do artigo de Joan Riviere, de 1929 e seu original e importante conceito de mascarada.

Em resumo, Joan Riviere (1929, p. 303 *apud* PACHECO, 2017, p. 105). por meio de um caso clínico formula a tese que “aquelas mulheres que desejam a masculinidade podem revestir-se da máscara de feminilidade para afastar a angústia e a vingança dos homens” O próprio nome de “máscara” remete a sua função de disfarce, consistiria na fantasia feminina de ter o falo, o pênis do pai. Diante da pergunta de como distinguir a mascarada da feminilidade Riviere (*ibid*) afirma que elas são a mesma coisa, e é aí que reside a sua hipótese mais transformadora, Ana Laura (2017, p. 105) diz que para ele “a diferença residiria na forma como a feminilidade é utilizada, isto é, como uma defesa contra a angústia, e não como um modo primário de gozo (...) essas ideias serão retomadas por Lacan” em relação à mulher, como abordaremos a seguir.

Trazendo a tona as polêmicas envolvendo as postulações de Freud sobre a feminilidade dentro do movimento psicanalítico é de extrema relevância para a compreensão do caminho histórico e teórico que esse conceito percorreu, e ainda percorre visto que a Psicanálise é uma teoria em constante construção. Ana Laura ao trabalhar esses autores

evidencia a resistência e a dificuldade encontradas por muitos principalmente em relação à inveja do pênis e à premissa fálica, como Horney (1959) que acusa Freud de um antibiologismo e não compreende que é justamente ao se desprender da biologia que ele revoluciona a noção de feminino que a Psicanálise possui. No mais, a feminilidade assim, desvela uma crise de paradigmas que ainda hoje não foi superada por alguns psicanalistas, que preferem retomar o paralelismo e a proporção entre as sexualidades masculina e feminina, no esforço de suturar a ferida aberta por Freud (PACHECO, 107). Vejamos de que forma Lacan se diferencia.

### 2.3 A interpretação Lacaniana da feminilidade

A grande revolução lacaniana foi retornar a Freud se valendo da Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss e da Linguística de Saussure para construir uma noção de sujeito que se constitui em torno de uma falta estrutural e defender que as manifestações do inconsciente se estruturam como linguagem. Ao se debruçar sobre a premissa fálica Lacan evidencia que o falo não é sinônimo do órgão genital masculino e na verdade alude a uma falta no psiquismo, que tanto o homem quanto a mulher se constituem em torno. Ana Laura afirma que “a significação fálica é o que permite, a seres falantes, se posicionarem simbolicamente em relação ao desejo do Outro, instituindo, ao mesmo tempo, um “a mais” de gozo fálico” (2017, p. 133).

Vimos anteriormente a resistência de muitos psicanalistas em abandonar a base biológica, algo que o próprio Freud também possuiu visto o paradoxo entre a constituição bissexual humana e a premissa fálica (*ibid*). Lacan rompe assim a versão de Freud do dito napoleônico, proferido em 1925 no texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*: “A anatomia é o destino”, e aponta que as essências masculinas e femininas inexistem à Psicanálise. A noção lacaniana de falo como significante tem muita importância justamente ao desprender o falo de um órgão do corpo, sendo fundamental para evitar uma postura misógina, algo de que a Psicanálise foi muito acusada e ainda é.

A premissa fálica lacaniana é vital para que se possa compreender o que seria a feminilidade para Lacan, de acordo com Ana Laura a um só tempo ele era radicalmente freudiano e radicalmente anti-freudiano, pois ao mesmo tempo que rompe com a anatomia, Lacan era radicalmente freudiano ao propor que o falo, e apenas ele, é a referência a partir da qual o ser humano constrói sua identidade sexual. No Seminário 14 (1967), já há uma interrogação sobre a heterogeneidade radical do gozo do macho e da fêmea e Lacan pergunta

às psicanalistas mulheres sobre o motivo da especificidade do gozo feminino nunca ter tido uma elaboração suficiente. No Seminário 17 (1969) já desenvolve teorizações que Ana Laura resume na seguinte frase “há sempre algo na mulher que escapa ao discurso” (*ibid*, p. 173).

Para dar conta dessa questão faz uso do “quadrado das proposições” de Aristóteles e de seu princípio de não-contradição para elaborar as fórmulas da sexuação. A subversão mais radical em relação à lógica aristotélica refere-se ao lado da mulher e é no que vamos nos deter. Lacan formula duas proposições: “A mulher é não-toda inscrita na função fálica” ( $\forall x \overline{\Phi x}$ ) e “Não existe uma mulher que não esteja submetida à ordem fálica” ( $\exists x \overline{\Phi x}$ ).

Lacan introduz a transformadora noção de não-todo:

Em parte nenhuma até agora, na lógica se colocou, promoveu ou se salientou a função de “Não-Toda” [...] inversamente, é enquanto há o vazio, a falta, a ausência de seja o que for negando a função fálica a nível da mulher, que nada mais há senão essa coisa formulada pelo “Não-Todo” na posição da mulher a respeito da função fálica (1972, *apud* PACHECO, 2017, P. 177).

E subverte também na segunda proposição onde estabelece uma dupla negação simbolizando “a não-existência de uma mulher que contrarie a lei, ou seja, as mulheres não formam um conjunto finito, pois não há “um” que faça exceção” e não há o universal sem o “ao menos um”. Com as fórmulas se evidencia que não há proporção entre homens e mulheres, mas cada um bordejando isso de maneiras diferentes, Ana Laura resume dessa forma:

A maneira feminina se articula pelo não-todo, isto é, pelo fato de que há sempre algo na mulher que escapa ao discurso e que, portanto, se articula com o Real. A mulher não-toda é uma exigência lógica da fala, que a faz encarnar o Outro absoluto. A própria incidência do Simbólico cria imediatamente um campo fora dele. (...) Assim, poderíamos afirmar com ele, que, pelo fato de o gozo ser aparelhado pela linguagem, algo se perde e, desde então, nos seres humanos, não há relação sexual. Daí a consequência fundamental é extraída: A Mulher não existe. (2017, p. 181)

Afirmação polêmica que aponta para a alteridade desse gozo Outro, dito Gozo feminino e que será o foco do livro da Elisabeth da Rocha Miranda, que será o alvo da próxima parte desse trabalho.

É muito difícil compilar os pontos principais para a compreensão da feminilidade do livro de Ana Laura, principalmente nessa parte que abarca Lacan pela extensão e importância dos postulados que se referem à temática. Um dos pontos mais interessantes é que antes de abordar as fórmulas de sexuação, ela enfatiza o uso dos termos “homem” e “mulher” como semblante, problematiza o porquê de Lacan ter optado por essas palavras e indica a importância de entendermos a significação teórica para a Psicanálise dessa utilização, considera que a retomada desses termos não seja casual. Pelo contrário, “aponta uma coragem em não se furtar a uma problemática clínica, que acompanha a Psicanálise: como saber, afinal, quando estamos a escutar um homem ou uma mulher?” (PACHECO, 2017, p. 172).



A autora com sua escrita clara e rigorosa consegue trazer o percurso de Lacan na sua concepção de feminilidade bem como relacionar isso aos postulados freudianos, as concepções de outros psicanalistas e outros autores como Canguilhem, e de forma contundente consegue colocar-se com pontuações e opiniões que agregam e inquietam, fazendo desse caminho trilhado algo fascinante.

### **3 AS DESARRAZADAS DE ELIZABETH DA ROCHA MIRANDA**

Elizabeth é psicanalista, Analista Membro de Escola (AME) da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Fórum Rio de Janeiro. Mestre e Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em sua trajetória profissional, desenvolveu importante trabalho clínico, sobretudo em relação à debilidade mental, em diversas instituições de saúde e educação. Atua principalmente nos seguintes temas: sintoma, criança, escola, psicose e feminino. Atualmente é professora convidada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professor visitante da Universidade Veiga de Almeida e membro do conselho editorial da Revista Marraio.

O livro intitulado *Desarrazadas: devastação e êxtase* foi publicado em 2017 e é um dos frutos de sua tese de doutorado, que foi defendida em maio de 2011 e teve como orientadora Sônia Alberti, outra analista e pesquisadora de renome internacional. O desejo por abordar o tema do Gozo Feminino veio de uma dificuldade clínica que ela resume nos seguintes questionamentos:

Que tratamento dar, na condução de uma análise, ao que escapa ao sintoma, à cifra do gozo fálico presente na compulsão à repetição? Se a psicanálise é a arte do deciframento de um sintoma, que tratamento dar ao que não está de todo cifrado, ultrapassa o próprio sujeito na posição feminina e tem efeitos devastadores tanto para ele quanto para aqueles que o cercam? (MIRANDA, 2017, p. 203).

Dessa forma traz elementos tanto de sua clínica, como da literatura além de toda a conceituação psicanalítica para abordar a questão da não-toda, se detendo no último tempo do ensino de Lacan onde conceituou justamente o Outro gozo. Diante das inúmeras contribuições que a obra traz, optou-se por abordar três pontos: a clínica, a literatura e o gozo místico.

#### **3.1 A devastação de Paula**

Como já mencionado o desejo pelo tema adveio da própria experiência clínica de Elisabeth, ela relata que mulheres chegam à análise sem entender o que acontece com elas,

sem encontrar palavras para transmitir essa estranheza que lhes ocorre e pode causar tanto uma grande angústia como uma sensação de extrema felicidade. Ela destinou um capítulo justamente para abordar alguns casos, mas ao longo de todo o livro consegue transmitir essa dimensão clínica e ilustrar com sua experiência psicanalítica os elementos teóricos que aborda, evidenciando que a Psicanálise “não existiria sem a clínica, razão pela qual a ética que a rege é a práxis de sua teoria” (*ibid*, p. 41).

O caso intitulado “Paula e a morte” é um desses casos e em linhas gerais aborda uma devastação onde o mais-de-gozar do sujeito é justamente a morte, revelada na figura da mãe fálica. Paula inicia a análise com a descoberta de uma doença grave, um tumor na coluna que a angustia pois a coloca face a face com a morte e por isso teme “perder-se em si mesma” e goza nesse lugar. Após algumas entrevistas o sujeito aparece, e um relacionamento fora do casamento com uma médica, 15 anos mais velha. Sente-se desamparada e passa por uma experiência que seu corpo é tomado por uma sensação de vazio, que não sabe mais onde está, nem quem é.

Sua angústia localiza-se além do que a sexualidade organiza, visto que,

O homem goza com o objeto de sua fantasia, ao passo que a mulher, por não estar toda na norma fálica, por não estar de todo causada pelo objeto de sua fantasia, experimenta um gozo Outro, um gozo suplementar feminino, não causado pelo objeto *a*. Ela pode experimentá-lo no encontro com um homem, com outra mulher, com a morte ou com Deus no gozo místico, ou ainda oferecer-se como objeto do gozo do Outro, como na devastação (*ibid*, p. 49).

Esse gozo mortífero diz da relação com uma tia/madrinha que Paula repete agora com a namorada. Desde que nasceu sua tia a invadia com uma maternagem excessiva onde Paula desejava separar-se dela, mas ao mesmo tempo essa ideia lhe causava muita angústia. Um dos pontos mais interessantes é quando nos é dito que quase todas as namoradas de Paula, possuem o mesmo nome. A autora aponta que esse nome assemelha-se a morte e traz o atafalho cometido onde Paula fala que “A morte faz parte de mim”. Devido a namorada também sofrer de uma grave doença as duas se cuidam mutuamente e intercalam as internações, “pode-se dizer, portanto, que a relação entre elas se sustenta na coluna doença e morte. Ela goza do lugar de objeto de gozo para Outro, de sua posição devastada. Em que o Outro é literalmente a morte” (*ibid*, p. 53).

É muito explícita a relação direta que a analista faz entre a namorada e a morte, Paula namora a figura da morte em sua companheira e em si, experiencia um gozo nessa relação próprio da devastação, do qual ela só consegue semi-dizer. Esse caso fornece de forma evidente a ligação entre o gozo não-todo e o além do princípio de prazer, já que com a

amante Paula provava um gozo que não entendia e que a angustiava por medo de perder-se nesse abismo:

A experiência do Outro Gozo vivida com a amante causa os efeitos de dessubjetivação e de ausência de si mesma, só que Paula, valendo-se dos significantes “marte”, “morte” e “morta”, consegue promover uma separação e em suas palavras, recuperar a “alma e o corpo” até então aprisionados no encontro com a namorada, já que a mãe não lhe deu substância como mulher, para que virasse uma mascarada feminina, e o pai claudicou como cafajeste em sua função de barrar o gozo mortífero da relação vivida com a sua madrinha (*ibid.*, p. 54).

A clínica do não-todo apresentada como condução do tratamento pela autora, fez com que Paula forjasse significantes que atuassem dessa forma como suporte fálico para que ela se separasse, finalmente, da figura da mãe fálica. Rompe com a doença e com a parceira, com esse lugar de objeto de gozo do Outro e também com a tia/madrinha, saindo de sua casa e assumindo a criação do filho. Paula escolhe Eros, escolhe a vida e rompe com o gozo implicado na mãe-marte-morte e o objeto mais-de-gozar, fixado no impossível de recuperar em sua relação com a falta no Outro (*ibid.*). Explicitando o caráter indizível do gozo feminino e principalmente de seu viés mortífero vivido na devastação.

O caso revela de forma mais evidente que diante desse algo que a linguagem não abarca, é preciso um saber-fazer com o indizível. Por meio da análise, Paula vai simbolizando suas vivências e dando-se conta que o pacto com a namorada-morte dizia de sua relação com sua tia/madrinha, e que o gozo experimentado dizia de um perigo de perder em si mesma pois era regido por Tânatos. Sua fixação repetida na vida sexual ligando-a a morte e a mãe fálica traz a devastação que é um dos pólos do Gozo Feminino, como um abismo que quase a consumiu.

### 3.2 O êxtase de Katherine Mansfield

O outro pólo do Gozo Feminino é o êxtase, como consta no sub-título do livro. Para abordar tal conceito a autora se vale, assim como Freud e Lacan, da literatura. Traz o conto *Bliss* traduzido como Êxtase, de Katherine Mansfield para dar luz a esse estado de extrema euforia que beira a loucura.

O conto é de 1920, e trata-se da história de Bertha Young, uma jovem que se vê sentido algo que não consegue transmitir com as palavras, arrisca e nos interroga:

O que fazer se aos trinta anos, de repente, ao dobrar uma esquina, você é invadida por uma sensação de êxtase – absoluto êxtase! - como se você tivesse de repente engolido o sol de fim de tarde e ele queimasse dentro do seu peito, irradiando centelhas para cada partícula, para cada extremidade do seu corpo? (p. 4)

Bertha não sabe o que fazer com isso que a ultrapassa, mas segundo Elisabeth, Katherine, a autora do conto, sabe muito bem, ela escreve. (MIRANDA, 2017, p. 142). Nesse sentido traz a dimensão do próprio ato da criação da personagem como uma maneira de fazer algo com esse gozo, Katherine nos permite em seu ato sublimatório de escrita pensar numa certa construção de suplência face ao gozo Feminino. Com isso afirma que

Pode-se dizer que, através de Bertha, Katherine Mansfield fala da mulher excluída da natureza das coisas, da natureza das palavras, da mulher que não existe, no dizer de Lacan, por estar situada fora do falo, fora da cadeia significante: é o lado não-todo fálico da posição feminina, situado num lugar onde a mulher é outra para si mesma, em que a alteridade se presentifica. Nesse lugar recalcado pela psicanálise, o poeta e o místico se abismam. (*ibid*, p. 142).

Bertha nos transmite novamente sua experiência de êxtase ao temer que aquilo começasse de novo, pois “era quase insuportável, ela mal tinha coragem de respirar, por medo de atíçar aquele fogo” (MANSFIELD, p. 12), fogo esse que se localizava em seu próprio corpo e que “Bertha não sabia como expressar essa sensação, nem o que fazer com ela” (*ibid*, p. 14). Expressando o caráter de inefável do que a cometia, mas diferente da sensação de que Paula relatava que também apontava justamente o limite da linguagem, o gozo de Bertha era sentido como uma felicidade extrema, mas que também a angustiava por não conseguir controlar, isto é, por ser algo que também a invadia.

A personagem revela-se assim também uma das desarrazoadas de Elizabeth, contudo vem não só com o objetivo de abordar o êxtase mas também o uso da arte para abarcar o gozo Outro, como esse saber-fazer com aquilo que escapa a toda simbolização. Assim como a escrita de Clarice Lispector, Katherine em suas linhas também tenta escrever o indizível, “em suma, escreve a invasão de um gozo que a torna louca. Sua escrita traz, nas entrelinhas, o inumano, o selvagem que existe em cada mulher, vivido nesse conto como êxtase (...), encontro com o divino” (MIRANDA, 2017, p. 145).

Esse apelo ao divino é expresso na seguinte parte:

Mal ousava se olhar no espelho gelado mas olhou sim, e o espelho devolveu uma mulher radiante, com lábios que sorriam, que tremiam, e olhos grandes, escuros, e um ar de escuta, de expectativa de que alguma coisa... divina acontecesse... que ela sabia que tinha de acontecer... infalivelmente. (MANSFIELD, 1920, p.4)

Elisabeth relaciona tal trecho como se esse êxtase vivido por Berta se dirige não ao outro semelhante, mas ao Outro Deus quando ela diz estar à espera que algo divino aconteça. Esse Deus sendo aqui uma referência ao registro do Real, “uma vez que algo do real escapa a barra do Outro e promove a busca pelo impossível, o inumano, o divino” (MIRANDA, p. 143). É justamente nesse algo do Real que pode ser entendido como a falta onde o gozo feminino se localiza, um grande vazio que só podemos bordejar.

Há uma ruptura com o simbólico no gozo feminino, porque esse gozo pode jogar o sujeito no campo dos desvarios, da loucura, da devastação, das desmedidas, da euforia, do desarrazoamento, que Katherine descreve. Para barrar esse gozo é preciso apelar para algo que a faça retornar ao mundo dos humanos, e é justamente essa função que a literatura de Katherine tem para ela, ao incorporar tal experiência e em certo sentido simbolizá-la por meio da escrita, ciente de que algo sempre vai escapar.

Por fim, é relatado a experiência de Bertha em um encontro sem palavras com Miss Fulton:

E as duas mulheres se deixaram ficar ali, lado a lado, olhando para a esguia árvore em flor. Embora imóvel, a árvore parecia estender-se para cima, subir, tremer no ar brilhante como a chama de uma vela, e crescer, crescer mais alto diante delas - quase tocar a borda da lua cheia prateada.

Por quanto tempo elas ficaram ali? Era como se as duas estivessem presas naquele círculo de luz extraterrena, entendendo-se uma à outra perfeitamente, criaturas de um outro mundo, perguntando-se o que fazer neste mundo com todo aquele tesouro sublime que queimava dentro do peito e se derramava em flores prateadas pelos seus cabelos e mãos?

Para sempre - ou por um segundo? E Miss Fulton murmurara mesmo “Sim, exatamente *isso*” ou Bertha havia sonhado? (p. 13)

Esse trecho citado acima traz uma espécie de encantamento, um estado de certa forma “fora do tempo” onde Bertha é tomada junto a pereira em flor por um sentimento imprevisível, como se saísse de si e fosse justamente ao inominável, ao divino presente na natureza.

Em resumo, Elisabeth aborda vivência de Bertha como

um gozo que, na falta de gozar de Deus, goza com o real, com o furo abissal. Em outras palavras, há um furo de impossível no lugar do Outro do Outro que não existe, uma abertura, um abismo que atrai as mulheres por elas não estarem na suficientemente referidas ao falo. Lugar dos êxtases e do gozo suplementar feminino, bem como de uma loucura própria às mulheres que caem nesse abismo. (p.145)

Nessa dimensão artística trazida por Katherine há também a questão da produção de um saber, com seu conto a escritura nos fornece em palavras um saber sobre o real, um saber outro pois diz de algo impossível de apreender, bem como a escrita como reguladora do gozo. De forma semelhante, seguiremos para a história de uma mística que também soube fazer algo com seu gozo Outro.

### **3.3 O gozo místico de Santa Tereza D’avila**

A autora destina um capítulo de sua obra para abordar a relação entre o gozo místico e a loucura feminina. Segundo ela (2017) a experiência dos místicos passa por

importante florescimento a partir do século XII. Apesar da suspeita de se tratar de uma possessão demoníaca era encarado como uma experiência divina, um encontro com Deus e assim, uma prova de Sua existência.

Os relatos de um gozo místico se relacionam com a ideia de uma completude mítica, como já abordada por Freud no *Projeto para uma Psicologia Científica* de 1895 e retomada em *Interpretação dos Sonhos* de 1900 ao trazer a conceituação da primeira experiência de satisfação ou como trazido em 1895, complexo do próximo. Em suma, no centro da experiência mítica o que se busca é esse todo, isto é, alcançar o objeto perdido, a Coisa, e finalmente resgatar o gozo perdido. Lacan no *Seminário 20: Mais, ainda*, aproxima o gozo místico do gozo feminino, não implicando que apenas as mulheres sejam sensíveis a ele. Lacan diz que:

Há homens que lá estão tanto quanto as mulheres. Isto acontece. E que, ao mesmo tempo, se sentem lá muito bem. Apesar, não digo de seu Falo, apesar daquilo que os atrapalha quanto a isso, eles entreveem, eles experimentam a ideia de que deve haver um gozo que esteja mais além. É isto que chamamos de os místicos (1972, p. 102).

A santa retratada no livro é considerada uma das maiores místicas do século XVI, era cristã e ortodoxa e inspirou artistas com seus relatos, um de seus êxtases é contado por ela e trazido no livro dessa forma:

Quis o Senhor que eu visse aqui algumas vezes essa visão: via um anjo junto de mim. (...) Via em suas mãos um dardo de ouro grande e no final da ponta me parecia haver um pouco de fogo. Ele parecia enfiá-lo algumas vezes em meu coração e chegava às entranhas. Ao tirá-lo me parecia que as levava consigo e me deixava toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão grande a dor que me fazia dar aqueles gemidos, e tão excessiva suavidade que põe em mim essa enorme dor que não há como desejar que se tire nem se contenta a alma com menos do que Deus. Não é uma dor corporal, mas espiritual, ainda que não deixe o corpo de participar em alguma coisa e até bastante (D'AVILA, 1562, p. 267 *apud* MIRANDA, 2017, p. 186).

Tereza diz de um gozo arrebatador que é sentido no corpo mas objetiva um mais além, pois é sentido como um encontro com figuras divinas visando assim um Deus-Pai que se coloca como esse ponto onde a palavra atinge seu limite. O artista Bernini inspirado por essa experiência esculpe a estátua que intitula *O êxtase da Santa Teresa D'Ávila* (Figura 1) onde Lacan afirma que basta um olhar para perceber que “ela está gozando” (1972, p. 103) e que não por caso é a capa de seu *Seminário 20: Mais, ainda*:

Figura 1- O Êxtase de Santa Teresa



(Fonte: Gian Lorenzo Bernini,  
1647-1652)

O contexto histórico de Tereza fazia com que ela temesse seus êxtases com o receio de estar sendo possuída pelo demônio e não por Deus, vale lembrar que se vivia a época da caça às bruxas, a mulher era tida como mais suscetível a sucumbir ao poder do Diabo isso fazia com que a santa temesse seus arrebatamentos. A igreja precisava ter certeza de que era a Deus que Tereza se entregava, dessa forma ela foi instruída a escrever sobre seus êxtases, construindo um saber onde a Igreja não sabia e assim ameaçava sua hegemonia do conhecimento, apontando justamente a falta no discurso, um saber mais-além.

A pesquisadora traz novamente a escrita como reguladora do gozo. Para ela, Tereza o fez não só pela obrigação mas porque formalizava um saber ao transportar seus arrebatamentos para o papel. Concorda assim com Marie-Christine Hamon quando diz que “a escrita permite uma dupla manobra: de um lado, nomear, classificar e regular o gozo mediante a instalação de um saber; de outro, reativar um saber que, jamais completo, abre a possibilidade de forçar os limites da significação” (MIRANDA, 2017, p. 191).

Em resumo o gozo místico assim como o gozo feminino é semi-visto, semi-dito, acessível apenas nas entrelinhas, no furo da linguagem. A experiência relatada e documentada pelos místicos, nos diz também de um saber-fazer com o gozo Outro, num apelo à Deus e entregando-se ao gozo infinito revela o poder do amor, pois “Tereza se abandona nos braços de Deus, ultrapassando a barra do fálico, ‘Nua, Tereza me ama’ poderia regozijar-se Deus” (*ibid*, p. 192). Atesta a clínica do não-todo, que não é porque a mulher faz fracassar qualquer tipo de discurso que a tente abarcar e qualquer significante que possa definí-la, que

contornando o vazio não se possa produzir um saber, mesmo sabendo que sempre algo irá escapar.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo desse trabalho após a exposição de cada livro com seus pontos principais faz-se necessário concluir tal empreitada refletindo sobre como as duas obras atuam juntas para compreender o conceito de feminino para a Psicanálise, *Feminilidade e Experiência Psicanalítica* de Ana Laura, resultado de sua dissertação de mestrado e *Desarrazoadas: Devastação e Êxtase* produto da tese de doutorado de Elisabeth da Rocha Miranda.

Vale ressaltar que de nenhuma maneira o intuito foi de esgotar as colaborações que cada livro traz para o campo da Psicanálise. Pelo contrário, foi preciso escolher um caminho e com isso outros foram abandonados. A magnitude desses dois livros não foi toda transmitida nesse trabalho, pois, além de impossível, não se tratava do objetivo da presente pesquisa. Fazendo relação com o título da pesquisa, adentrando no continente negro do feminino tivemos o desejo como bússola, outro pesquisador poderia se deter em outros pontos, até mesmo com o mesmo objetivo que temos, mas aí que se encontra o sujeito nesse processo de trabalho.

Concluir essa trajetória se faz de certa maneira olhando para trás, o primeiro livro que foi o de Ana Laura (2017) veio como um denso apanhado sobre a temática de Freud a Lacan mantendo diálogo com debates atuais e a própria vivência da autora, com uma característica muito evidente que foi sua pretensão de concentrar em poucas páginas uma quantidade enorme de conhecimento de forma clara e objetiva. Não se furtando de apontar as contradições de Freud e a resistência de alguns expoentes no campo psicanalítico ao trabalhar com a sexualidade feminina, demonstrando um modo de pesquisa muito crítico e poderoso. Ao mesmo tempo que se coloca, nos incita a percorrer nosso próprio caminho através das inúmeras referências e sugestões de leitura. Apesar da enorme ferramenta que seu livro se mostra, ele é uma parte da estrada, um farol que ilumina e guia o restante da viagem.

E através dessa luz chegamos á obra de Elisabeth (2017), que pelo nível acadêmico foi desafiadora e fez irmos também a outros textos, mas uma coisa ficou muito clara, sem ter lido o livro de Ana Laura antes seria bem mais difícil. De certa maneira a primeira obra trabalhada nos preparou para as complexas construções teóricas do gozo Outro, pois sem toda a compreensão da estruturação que a noção de feminilidade foi tomando desde



Freud e da radicalidade da conceituação das fórmulas de sexuação de Lacan (PACHECO, 2017), não seria possível entender em certa medida o que seria uma clínica dita do gozo Feminino. Como já exposto, Miranda (2017) se aprofundou no último tempo de Lacan, algo que Pacheco (2017) também aborda, porém o uso dos casos clínicos, da literatura, da arte e da história dos místicos em diálogo constante com as teorizações psicanalíticas expõe as várias faces do feminino.

Ambas as autoras nos dão valiosas contribuições para entendermos o que a psicanálise compreende como feminilidade e desfazemos os enganos comuns em relação à temática. Percebe-se que o feminino não se prende ao discurso da biologia, que tratamos de algo para além do macho ou fêmea, do cromossomo XX ou XY, falamos de corpos esculpidos pelos significantes advindos do Outro. Observamos que a essência feminina inexiste a psicanálise, vimos que a feminilidade é uma máscara, um semblante para dar conta do Real e também entrevimos o que existe quando as máscaras caem e esse Real irrompe.

Em suma, o que Lacan propõe é uma outra lógica para pensar as diferenças entre os sexos, formalizando que a relação sexual não existe. Ao evidenciar que não há equivalência entre homens e mulheres, permite que elaborem reflexões sobre as relações humanas baseadas numa perspectiva de senso comum de completude entre os sexos, que ainda veicula nas mídias, e como isso estabelece uma relação de ideal mas na verdade expõe os conflitos inerentes ao laço social pela sua impossibilidade. Justamente porque *A Mulher*, segue com sua alteridade absoluta, fazendo o ideal fracassar e com isso gerando um mal-estar. Ela segue escapando entre os dedos, estando em todos os lugares e em lugar nenhum, presente nas entrelinhas e no semi-dizer.

Faço coro a Freud e entoo a pergunta “Afiml, o que querem as mulheres?”, interrogando o desejo desses sujeitos é que a psicanálise se constituiu, pois desde o início, com as histéricas, o feminino insistia em fazer questão para essa teoria. Vir desde o começo da conceituação dessa temática e ter acesso a investigação de uma clínica do não-todo foi um modo de adentrar a esse continente negro, que podemos articular como esse território para além do falo, mas que mantêm relação com ele, e refletir sobre o feminino bem como sobre a própria produção de saber em psicanálise e a transmissão de sua dimensão clínica que desemboca na sua constante construção como teoria em torno da falta e do furo. As duas obras confluem entre si para cada uma com sua proposta contribuir para a compreensão da feminilidade e como a mulher pode transitar entre a posição de objeto e de *A Mulher* que não existe.

Através da investigação sobre a construção teórica do conceito de feminilidade ao longo dos anos e interrogando-a, trazendo também novas questões advindas da clínica e do percurso de pesquisa, as autoras evidenciaram que há uma separação entre a posição feminina e a mulher, e que a sexuação é um fato de discurso, que transcende a anatomia. Diante desse debate, seguimos nos perguntando onde está *A Mulher* e vendo ela escapar por entre as linhas dessa pesquisa, pois sempre haverá o que faltar.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DEUTSCH, H. **A psicologia da mulher e sua relação com as funções sexuais femininas**. Editora Losada, 1947.

FREUD, S. (1950[1895]), **Projeto para uma psicologia científica**. In. Obra completa, I. (1886-1899), Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1978.

\_\_\_\_\_. (1900-01), **A interpretação dos sonhos (segunda parte)**. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1976.

\_\_\_\_\_. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In. Obras completas, volume 6. Tradução Paulo César de Souza. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. (1908) **Teorias sexuais infantis**. In. Volumen 9. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1978.

\_\_\_\_\_. (1923) **A organização genital infantil**. In. Obras completas, volume 16. Tradução Paulo César de Souza. -11 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. (1924) **A dissolução do Complexo de Édipo**. In. Obras completas, volume 16. Tradução Paulo César de Souza. -11 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. (1925) **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos**. In. Obras completas, volume 16. Tradução Paulo César de Souza. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. (1931) **Sobre a sexualidade feminina**. In. Obras completas, volume 18. Tradução Paulo César de Souza. -11 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1937) **Análise terminável e interminável**. In. Volumen 23. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1978.

HORNEY, K. **Novos rumos da psicanálise**. Editora Civilização brasileira, 1959.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. **O seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MANSFIELD, K. **Êxtase e outros contos**. 1920. Revan, 2000. Trad. Ana C. Cesar.

MIRANDA, E. R. **Desarrazoadas: devastação e êxtase**. Rio de Janeiro. Contra-capá. 2017

O ÊXTASE, de santa Tereza d'Ávila. Gian Lorenzo Bernini, 1647-1652. Altura: 721 pixels. Largura: 500 pixels. 74,2 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <http://post-italy.com/extase-de-santa-tereza-em-roma/>. Acesso em 03/12/2017.

PACHECO, A. L. P. **Feminilidade e experiência psicanalítica**. 2ª ed. São Paulo: Agente publicações, 2017.

SOLLER, C. **Variáveis do fim de análise**. Papirus, 1995.